

Da Verdade em Santo Tomás

Autor: Sávio Laet de Barros Campos.
Licenciado e Bacharel em Filosofia
Pela Universidade Federal de Mato
Grosso.

E-mail: saviolaet@yahoo.com.br

1.1) A Verdade Está no Intelecto

Como o bem é para o que tende o apetite, a verdade é para o que tende o intelecto.¹ Entretanto, no conhecimento, é o cognoscível que passa a estar no cognoscente, enquanto, no que toca ao apetite, é o sujeito que se inclina para o que o atrai.² Logo, o termo do apetite se encontra na coisa para qual o sujeito se inclina; e a verdade, fim de todo conhecimento, reside no intelecto onde o cognoscível passa a existir: “Assim, o termo do apetite, que é o bem, se encontra na coisa que atrai, ao passo que o termo do conhecimento, a verdade, está no intelecto.”³

Um apetite se diz bom, quando se inclina para a coisa e, desta forma, a bondade da coisa passa a existir nele. Ora, uma coisa passa a ser verdadeira na medida em que ela se conforma ao intelecto:

(...) assim também o verdadeiro, estando no intelecto à medida que ele se conforma com a coisa conhecida, é necessário que a razão de verdadeiro passe do intelecto à coisa conhecida, de

¹ Tomás de Aquino. **Suma Teológica**. I, 16, 1, C: “Assim como chamamos bem àquilo a que tende o apetite, chamamos de verdade àquilo a que tende o intelecto.”

² Idem. Ibidem: “O conhecimento consiste em que o conhecido está naquele que conhece, ao passo que a apetência consiste na inclinação do sujeito para aquilo que o atrai.”

³ Idem. Ibidem.

modo que esta última seja dita verdadeira na medida em que tem alguma relação com o intelecto.⁴

A relação da coisa com o intelecto pode ser uma relação por si (Per se) ou por acidente (Per accidens).⁵ A coisa se ordena ao intelecto *por si* quando dele depende quanto ao ser: “Per se quidem habet ordinem ad intellectum a quo dependet secundum suum esse (...)”⁶. Por outro lado, ela se ordena ao intelecto *por acidente* quando a ele se refere enquanto é cognoscível: “per accidens autem ad intellectum a quo cognosibilis est”⁷.

Por exemplo, a casa se refere *quanto ao ser* ao intelecto do arquiteto⁸ e se refere *por acidente* – somente enquanto se torna cognoscível - para quem o arquiteto a dá a conhecer: “Como se disséssemos que a casa se refere por si ao intelecto do seu artífice, e se refere por acidente ao intelecto do qual não depende.”⁹

Uma coisa é verdadeira, absolutamente falando, quando a sua relação com o intelecto é segundo o ser: “Portanto, uma coisa é verdadeira, absolutamente falando, segundo a relação com o intelecto de que depende.”¹⁰ No que toca às obras artísticas, procede-se assim: uma casa é verdadeira, se ela se adequar ao projeto do artista e uma frase é verdadeira se ela for sinal de um conhecimento intelectual verdadeiro.¹¹ Já as coisas naturais só são verdadeiras na medida em que se conformam com as suas representações existentes no intelecto

⁴ Idem. Ibidem.

⁵ Idem. Ibidem: “Esta coisa conhecida, todavia, pode se referir ao intelecto por si ou por acidente.”

⁶ Idem. Ibidem: “Ela se refere por si ao intelecto quando dele depende segundo seu ser.”

⁷ Idem. Ibidem: “Ela se refere por acidente ao intelecto pelo qual ela é cognoscível.”

⁸ Pois a casa não existiria se não existisse o artista. Logo, a casa depende do artista para existir.

⁹ Tomás de Aquino. **Suma Teológica**. I, 16, 1, C

¹⁰ Idem. Ibidem

¹¹ Idem. Ibidem: “Eis por que as produções de arte são verdadeiras com relação a nosso intelecto; por exemplo: uma casa é verdadeira quando se assemelha à forma que está na mente do artífice; uma frase é verdadeira quando é o sinal de um conhecimento intelectual verdadeiro.”

divino. Assim, uma pedra é verdadeira se tiver a natureza de pedra, ou seja, se se assemelhar ao que foi preconcebido pelo intelecto divino:

Assim também as coisas naturais são verdadeiras na medida em que se assemelham às representações que estão na mente divina: uma pedra é verdadeira quanto tem a natureza de pedra, preconcebida como tal no intelecto divino.¹²

1.2) A Verdade Enquanto Conhecida pelo Espírito Humano

A verdade, para o espírito humano, é a adequação do intelecto à coisa conhecida.¹³ Por conseguinte, no que toca ao intelecto do homem, a verdade se manifesta somente quando conhecemos a conformidade do nosso intelecto com a coisa conhecida: “Daí resulta que conhecer tal conformidade é conhecer a verdade.”¹⁴ Ora, os sentidos não podem conhecer esta conformidade: “Hanc autem nullo modo sensus cognoscit”¹⁵. O intelecto, ao contrário, pode conhecer tal conformidade e, ipso facto, pode conhecer a verdade: “Intellectus autem conformitatem sui ad intelligibilem cognoscere potest (...)”¹⁶. Contudo, tal apreensão não se dá no conhecimento da essência da coisa: “sed tamen non

¹² Idem. Ibidem.

¹³ Idem. Ibidem. I, 16, 2, C: “(...) é necessário, portanto, que o intelecto em ato de conhecer seja verdadeiro tanto quanto nele se encontre a semelhança da coisa conhecida, semelhança que é sua forma enquanto é aquele que conhece. Eis porque se define a verdade pela conformidade do intelecto e da coisa (et propter hoc per conformitatem intellectus et rei veritas definitur).” (Os itálicos e o parêntese são nossos). A falsidade é, precisamente, o contrário, qual seja, a inadequação do intelecto à coisa. Idem. **De Veritate**. a 10, resp. in Sidney Silveira. **Santo Agostinho e o Mal como Privação dos Bens Naturais**. . 2º ed. Rio de Janeiro: Sétimo Selo, 2006. n.r.p. 14: “A falsidade e o erro não estão nas coisas, que não são falsas em si mesmas, mas na inadequação entre as coisas e o entendimento humano.”

¹⁴ Tomás de Aquino. Ibidem. I, 16, 2, C.

¹⁵ Idem. Ibidem: “Ora, esta conformidade, o sentido não a conhece de modo algum (...)”.

¹⁶ Idem. Ibidem: “Quanto ao intelecto, ele pode conhecer sua conformidade com a coisa inteligível.”

apprehendit eam secundum quod cognoscit de aliquo *quod quid est (...)*¹⁷. Nós passamos a saber que a verdade existe em nós quando o nosso intelecto julga que a forma apreendida corresponde, de fato, à coisa apreendida:

No entanto, não é pelo fato de conhecer a essência da coisa que ele apreende essa conformidade, *mas quando julga que a coisa assim é, como é a forma que dela apreendeu; é então que começa a conhecer e a dizer o verdadeiro (tunc primo cognoscit et dicit verum)*.¹⁸

Este julgamento acontece quando compomos e dividimos, ou seja, quando afirmamos ou negamos algo da coisa apreendida.¹⁹ Quando este julgamento corresponder à coisa apreendida ele é verdadeiro e o que dissermos será verdade, quando não corresponder, haverá falsidade. A perfeição do intelecto está em conhecer a verdade enquanto tal, ou seja, conhecer a sua conformidade com a realidade: “*perfectio enim intellectus est verum ut cognitum.*”²⁰ Por conseguinte, a verdade, propriamente dita, não está nos sentidos, nem consiste no ato pelo qual o intelecto conhece a essência, mas no intelecto que compõe e divide.²¹

¹⁷ Idem. Ibidem: “No entanto, não é pelo fato de conhecer a essência da coisa que ele (O intelecto) apreende essa conformidade (...).”

¹⁸ Idem. Ibidem. (O itálico e o parêntese são nossos).

¹⁹ Idem. Ibidem. “E isto (O julgamento) se faz compondo e dividindo, pois, em qualquer proposição, a forma significada pelo predicado, ou é afirmada da coisa significada pelo sujeito, ou então é dela negada.” (O parêntese é nosso).

²⁰ Idem. Ibidem: “A perfeição do intelecto é o verdadeiro enquanto conhecido.”

²¹ Idem. Ibidem. “Por essa razão, para falar com propriedade, a verdade está no intelecto que compõe e divide, não nos sentidos, tampouco no intelecto que conhece a essência.”

1.3) A Verdade é Convertível ao Ente

O verdadeiro está ordenado para o conhecimento: “verum habet ordinem ad cognitionem”²². Ora, uma coisa é cognoscível enquanto – e na mesma medida que – participa do ser: “Unumquodque autem in quantum habet de esse, in quantum est cognoscibile.”²³ Logo, a verdade é convertível ao ser: “Daí resulta que assim como o bem é convertível ao ente, assim o é o verdadeiro.”²⁴ Da mesma forma que o bem acrescenta ao ente a razão de ser atrativo à vontade, assim também a verdade acrescenta ao ser certa relação com o intelecto:

Contudo, assim como o bem acrescenta ao ser a razão de ser atrativo, assim também o verdadeiro acrescenta ao ser uma relação com o intelecto.²⁵

1.3) A Cognoscibilidade das Coisas e a Verdade

Ajunte-se ao que dissemos acima – uma coisa é tanto mais cognoscível quanto mais participa do ser - o fato de as coisas participarem do ser na medida em que são pensadas por Deus. Logo, a cognoscibilidade das coisas, funda-se, em última instância, no fato de elas terem sido pensadas por Deus: “(...) as coisas criadas são, porque são pensadas e ‘proferidas’ por Deus: e **por isso** são cognoscíveis pela inteligência humana.”²⁶

Acrescente-se ainda um outro corolário, importantíssimo para a teoria do conhecimento: as coisas não passam a *ser* por serem pensadas pelo intelecto

²² Idem. Ibidem. I, 16, 3, C: “(...) o verdadeiro está ordenado ao conhecimento.”

²³ Idem. Ibidem: “Ora, na medida em que uma coisa participa do ser, nessa mesma medida ela é cognoscível.”

²⁴ Tomás de Aquino. **Suma Teológica**. I, 16, 3, C.

²⁵ Idem. Ibidem.

²⁶ Luiz Jean Lauand. **Deus Ludens – O Lúdico no Pensamento de Tomás de Aquino e na Pedagogia Medieval**. in: LAUAND, Luiz Jean. **Sete Conferências Sobre Tomás de Aquino**. São Paulo: Esdc, 2006. p. 23.

humano, mas, ao contrário, elas *são* e **por isso** se tornam “pensáveis” ao intelecto do homem. Destarte, o ser das coisas não se fundamenta no que pensamos delas, mas o que pensamos delas se deve ao fato delas serem:

As coisas não são apenas o que o homem pensa delas, mas o homem pensa algo delas, justamente, *porque são*. Nesta linha, a fonte de todo pensar funda-se no ser, e não o contrário (...).²⁷

Portanto, não está em nosso poder fazer com que elas sejam ou deixem de ser, mas apenas dizer algo do que elas são:

Se chove, e alguém pensa que faz sol, isto não altera o fato da chuva, no seu existir espaço-temporal, mesmo que as mais sofisticadas injeções lógicas pareçam mostrar o contrário.²⁸

Existe, por fim, um anexo indispensável para este comentário. O fato de as coisas serem porque foram pensadas pelo intelecto divino é a razão que as torna cognoscíveis. Entretanto – ao mesmo tempo - exatamente por isso também, elas não cognoscíveis exaustivamente para nós, pois o intelecto que as projetou é infinito enquanto o nosso espírito é finito:

(...) *daí que a busca da verdade* – da que Tomás em famosa questão de *Quodlibet* afirma ser a força mais veemente no homem – *conviva com a despreensão de compreender cabalmente sequer a essência de uma mosca*.²⁹

²⁷ Sidiney Silveira. Op. Cit. in: AGOSTINHO, Santo. **A Natureza do Bem**. trad. Carlos Ancêde Nougé. 2º ed. Rio de Janeiro: Sétimo Selo, 2006. p. 6.

²⁸ Idem. Op. Cit. p. 7

²⁹ Luiz Jean Lauand. Op. Cit. in: LAUAND, Luiz Jean. Op. Cit. São Paulo: Esdc, 2006. p.29: (O itálico é nosso).

1.5) A Verdade Precede o Bem Quanto ao Ser

Embora, como vimos, tanto a verdade quanto o bem sejam convertíveis ao ente, existe entre eles uma diferença de razão em que o verdadeiro precede, absolutamente falando, ao bem.³⁰ Com efeito, é o ente que cai por primeiro no intelecto e só na medida em que é perfeito e se torna atrativo e que atrai o apetite. Ora, o verdadeiro diz respeito ao ente enquanto tal e o bem enquanto o ente é atrativo.³¹ Além disso, é natural que o conhecimento preceda ao apetite, pois ninguém pode tender para o que ainda não conhece.³² Santo Tomás chega a “contabilizar”, esquadrinhando, nos seus pormenores, o processo: primeiro o intelecto apreende o ente; depois o apreende enquanto verdadeiro; e somente então o apetite se inclina ao ente enquanto atrativo: “Portanto, a razão de ente é primeira; a de verdadeiro, segunda; e a de bem, terceira, embora o bem esteja nas coisas.”³³

1.6) Deus é a Própria Verdade

A verdade se refere a uma relação entre a coisa e o intelecto, seja porque a coisa se conforma com o intelecto divino (Verdade ontológica), seja porque o intelecto humano se conforma com a coisa (Verdade lógica)³⁴. Ora, em

³⁰ Tomás de Aquino **Suma Teológica**. I, 16, 4, C: “Ainda que o bem e o verdadeiro quando ao supósito, sejam convertíveis com o ente, contudo, diferem quanto à razão. E, sob este aspecto, o verdadeiro, absolutamente falando, é anterior ao bem.”

³¹ Idem. Ibidem: “Primeiro, pelo fato de que o verdadeiro está mais próximo do ente, que é anterior, do que o bem. O verdadeiro concerne ao ser de maneira absoluta e imediata, ao passo que a razão do bem é consecutiva ao ser enquanto ele é, de certo modo, perfeito, pois é assim que é atrativo.”

³² Idem. Ibidem: “Em segundo lugar, o conhecimento naturalmente precede o apetite.”

³³ Idem. Ibidem. I, 16, 4, ad 2.

³⁴ Idem. Ibidem. I, 16, 5, C: “Como foi dito, a verdade se encontra no intelecto segundo apreende a coisa tal qual é, e encontra-se na coisa, segundo tem o ser que pode se conformar ao intelecto.”

Deus, muito mais que conformidade, existe identidade, pois Ele é a sua própria intelecção. Além disso, Deus é a medida e a causa de qualquer outra verdade ou intelecto³⁵, pois é conforme uma coisa se assemelha a sua representação na mente divina que ela é e inteligir consiste em nada mais do que *o cognoscível passar a existir no cognoscente*.³⁶ Logo, Deus, não somente possui a verdade, mas Ele é a suprema e primeira verdade: “Segue-se que não somente a verdade está nele, mas que Ele próprio é a suprema e primeira verdade.”³⁷

1.7) Acerca das Coisas Serem Verdadeiras em Razão de uma Única Verdade

Com efeito, quando nos referimos à verdade enquanto ela está no intelecto, devemos dizer que existem muitas verdades, pois podem existir, em muitos intelectos e até em um só, muitas verdades e isto de acordo com a pluralidade das coisas conhecidas:

Portanto, se falamos da verdade enquanto está no intelecto segundo sua própria razão, então existem em muitos intelectos muitas verdades; e também no mesmo intelecto, de acordo com a pluralidade de coisas conhecidas.³⁸

No entanto, se nos referimos à verdade que está nas coisas, existe uma única verdade, pois todas elas só são verdadeiras na medida em que se assemelham às suas representações no intelecto divino, que é a própria Verdade e medida de toda outra verdade:

³⁵ Idem. Ibidem: “Ora, isso se encontra ao máximo em Deus. Pois não apenas seu ser é conforme a seu intelecto. Ele é sua própria intelecção, e esta é a medida e a causa de qualquer outro ser e de qualquer outro intelecto.”

³⁶ Ver nota 2.

³⁷ Tomás de Aquino. I, 16, 5, C.

³⁸ Idem. Ibidem. I, 16, 6, C

Se, porém, falamos da verdade enquanto está nas coisas, então todas as coisas são verdadeiras em razão de uma única e primeira verdade, a que cada uma é assemelhada segundo seu modo de ser. Conclui-se, assim, *que embora existam muitas essências ou formas das coisas, no entanto, a verdade do intelecto divino é única, e por ela todas as coisas são verdadeiras.*³⁹

1.8) Sobre a Eternidade da Verdade

Disto podemos deduzir que a verdade só pode se dizer eterna se nos referimos àquela Verdade que existe no intelecto divino, que também é eterno.⁴⁰ Com efeito, não se segue daí, cuida de advertir Santo Tomás, que exista algo eterno além de Deus, pois a verdade do intelecto divino é o próprio Deus: “Não se segue daí que exista algo além de Deus que seja eterno, porque a verdade do intelecto divino é o próprio Deus (...)”⁴¹.

1.9) Da Imutabilidade da Verdade

A mutabilidade da verdade deve ser buscada na medida em que a coisa permanece adequada ao intelecto, pois é nisto que consiste a razão do verdadeiro.⁴² Ora, as verdades apreendidas pelo nosso intelecto são mutáveis: “Veritas autem intellectus nostri mutabilis est”⁴³. De fato, o nosso intelecto, enquanto compõe e divide, pode passar do verdadeiro ao falso: “intellectus noster

³⁹Idem. Ibidem. (O itálico é nosso).

⁴⁰Idem. Ibidem. I, 16, 7, C: “Como, porém, somente o intelecto divino é eterno, é apenas nele que a verdade é eterna.”

⁴¹Idem. Ibidem.

⁴²Idem. Ibidem. I, 16, 8, C: “A mutabilidade da verdade deve, pois, ser considerada com relação ao intelecto, cuja verdade consiste em sua conformidade com as coisas que conhece.”

⁴³Idem. Ibidem: “A verdade, contudo, de nosso intelecto é mutável.”

mutatur de veritate in falsitatem”⁴⁴. Passamos do verdadeiro ao falso em dois casos: primeiro, quando a coisa, permanecendo a mesma, somos nós a mudar de opinião com relação a ela; segundo, quando é a coisa que muda, mas nós permanecemos com a mesma opinião com relação a ela:

Assim, de uma maneira, a verdade varia, quanto ao intelecto se, a coisa permanecendo o que é, alguém acolhe outra opinião a seu respeito. De outra maneira, a verdade varia se, a opinião permanecendo a mesma, é a coisa que muda. Nestes dois casos, há mudança do verdadeiro ao falso.

Só existiria uma verdade imutável, pois, se existisse um intelecto onde não fosse possível nem mudança de opinião e nem lhe faltasse percepção alguma das coisas. Ora, o único ser imutável, no qual não existe mudança alguma de opinião ou coisa alguma imperceptível, é o intelecto divino.⁴⁵ Logo, somente a verdade do intelecto divino, é, absolutamente falando, imutável: “É segundo a verdade do intelecto divino que as coisas naturais são consideradas verdadeiras, e esta verdade é totalmente imutável.”⁴⁶

⁴⁴ Idem. Ibidem: “Não que ela própria (A verdade) seja sujeito dessa mudança, *mas pelo fato de que nosso intelecto passa do verdadeiro ao falso.*” (O parêntese e o itálico são nossos).

⁴⁵ Idem. Ibidem: “(...) se existir um intelecto em que não possa haver nenhuma mudança de opinião, ou, a cuja percepção coisa alguma pode escapar, a verdade nesse intelecto será imutável. Ora, *assim é o intelecto divino (...)*”. (O itálico é nosso).

⁴⁶ Idem. Ibidem: (O itálico é nosso).

BIBLIOGRAFIA

LAUAND, Luiz Jean. ***Deus Ludens – O Lúdico no Pensamento de Tomás de Aquino e na Pedagogia Medieval.*** in: LAUAND, Luiz Jean. **Sete Conferências Sobre Tomás de Aquino.** São Paulo: Esdc, 2006.

SILVEIRA, Sidiney. **Santo Agostinho e o Mal como Privação dos Bens Naturais.** in: AGOSTINHO, Santo. **A Natureza do Bem.** trad. Carlos Ancêde Nougé. 2º ed. Rio de Janeiro: Sétimo Selo, 2006.

TOMÁS DE AQUINO. **De Veritate.** a 10, resp. in Sidney Silveira. **Santo Agostinho e o Mal como Privação dos Bens Naturais.** . 2º ed. Rio de Janeiro: Sétimo Selo, 2006.

_____.**Suma Teológica.** Trad. Aimom - Marie Roguet et al. São Paulo: Loyola, 2001. v.I.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.
This page will not be added after purchasing Win2PDF.